Discurso de Posse

Giselda Medeiros

O Eclesiastes, um dos sete chamados livros de sapiência do Antigo Testamento, nos exorta: “Todas as coisas têm o seu tempo, e todas elas passam debaixo do céu, segundo o termo que a cada uma foi prescrito”.

Tomando como referência este ensinamento bíblico, peço-vos que me permitais reportar-me a um tempo passado debaixo do céu e, em matizes reveladores, trazer-vos, na contextualização do espaço, um primeiro momento que se fez harmonia diante da excelsitude da vida.

Requeiro tal permissão, por saber que toda a nossa dimensão existencial está acoplada no ontem, no agora e no amanhã, partes intrínsecas do tempo, esta quantidade contínua e estreita, motivo de profundas reflexões entre os filósofos, desde Platão e Aristóteles, até Kant e Hegel (sem nomear os contemporâneos), além de um inesgotável número de famosos poetas e literatos que, através de obras de irrefutável valor, expressam sua obsessiva fixação na inexorabilidade do tempo e seus efeitos sobre as nossas fragilidades humanas.

E, porque “o tempo é um tecido invisível em que se pode bordar tudo”, segundo concepção machadiana, valho-me, agora, dessa tessitura abstrata para nela inserir o meu desenho. Peço-vos, então, que me acompanheis no traçado e na geometria de suas linhas.

Era 14 de julho. Não o de 1789, em que se decretava, na França, a vitória da liberdade, com a Tomada da Bastilha. Mas, um outro 14 de julho, numa cidadezinha acanhada do interior cearense, quando uma outra liberdade se fazia imperativa.

O véu das estrelas cobria com sua luz azul o tímido casario de Prata, à época distrito de Acaraú, a “terra estremecida”, de “mangues altaneiros” que, em 1924, inspirara ao imortal Padre Antônio Tomás o primoroso soneto, intitulado “O Acaraú”.

Senhores, naquele 14 de julho, a cidadezinha de Prata do Acaraú era toda plenilúnio. E um branco alvoroço derramava-se pelo ar para receber uma menina, a terceira filha do casal Jorge Francisco de Medeiros e Raimunda de Souza Fernandes Medeiros. O sopro da vida, antes essência, exteriorizou-se. Pela primeira vez, os olhos puderam perceber o inquieto instante do nascer, e a criança chorou. Um vagido medroso ante o desconhecido, ante a hostilidade circundante do mundo exterior já marcava naquele indefeso ser a grande dor ontológica do existir, com seus revêrberos de inquietação metafísica.

Com cinco anos de idade, seu espírito ansiava por mais espaço, por mais luzes abrangentes. E, embora a mãe fosse a professora oficial em Prata, veio com a avó materna estudar em Fortaleza. E aqui ficou. Aqui ensaiou os seus primeiros acordes poéticos, quando, aos dez anos, ficara órfã de pai. Fincou, em terras de Iracema, suas âncoras de esperança. Viveu a infância com suas bonecas, cresceu, formou-se, plantou árvores, casou-se, teve filhos, publicou livros, tudo, entretanto, sem nunca deixar envelhecer, no peito, o coração de criança.

Senhores Acadêmicos

Eis-me, agora, diante de vós, com este coração de criança que, apesar de muito cedo ter sentido do “áspero destino a mão pesada e dura”, jamais deixou enfraquecerem-se-lhe os ideais humanos, pois, com sua outra mão, mais leve e maternal, o mesmo destino ungiu-me com o dom da Poesia, esta “criação rítmica de beleza por meio de palavras”, como assevera Poe. Em consequência, a Poesia passou a ser o meu pão, o meu vinho, a minha oração. Por isso, senhores Acadêmicos, digo-vos, humildemente, como Jorge de Lima: “Só tenho poesia para vos dar”. Enquanto, convosco, sei que acumularei, daqui por diante, em meus celeiros (porque de vós há de vir em grande escala), o aprendizado necessário ao meu crescimento horizontal, e sobretudo vertical, quando, então, transcenderei a pura mortalidade humana para, enfim, ascender à grandeza da imortalidade nas artes.

Lembro, agora, um pensamento do notável tribuno cearense, Eduardo Girão: “ao escritor o que deve consolar não é o aplauso do momento; é a convicção de que na posteridade será lembrado

ou relido". E corroborando-o, acrescento-vos que nenhuma glória é maior do que a de deixar aos pósteros o pensamento de uma época, sua visão do mundo, porque, em assim sendo, estaremos essencialmente a elaborar exegeses, a defender nosso patrimônio literário, visto que o povo que deixa de produzir literatura paralisa seu pensamento e a sua sensibilidade, como preconiza Elliot.

E se não fossem os poetas, senhores, se eles não existissem, com suas mãos bordadas de luas e de sóis, quem, como nos interpela Artur Eduardo Benevides, "quem iria acender a luz da esperança e da beleza no coração do povo?!" Graças a Deus que "os poetas nascem a cada momento para a eterna novidade do mundo. E reinventam a vida. E o sonho", como diz Fernando Pessoa. E o poema, esta nave de sol disseminando luz nos aflitos silêncios humanos, tatua-se em nós, com seus tentáculos de cor, mesmo quando a poesia nos vem "com a agonia do parto, o sal do mar, o barro dos caminhos", como questiona Marly Vasconcelos, porque há uma hora – assim confia Dimas Macêdo – "há uma hora em que morremos / e uma hora em que o poema / se torna uma necessidade inarredável".

Senhoras, Senhores, Distintos Acadêmicos

Perdoai-me a digressão! Mas, não poderia iniciar minha fala sem vos trazer o casulo para que o vísseis antes de conhecer-lhe a borboleta. Haveis de compreender, então, a policromia que lhe tingem as asas, a direção do vôo na amplitude do espaço. O corpo ferido pelas urzes do caminho, contudo com a convicção de que são os percalços da caminhada que nos fazem aprender a estar sempre preparados para decifrar os enigmas da existência, a fim de que possamos seguir altivos e esperançosos no amanhã. Por isso é que estou aqui, diante de vós, Senhores Acadêmicos, qual se fora uma criança no privilegiado espaço do seu sonho, naquele momento intenso de felicidade, em que desperta e vê, deixado sobre o chinelinho roto, seu presente mais querido. E fostes vós, com a essencialidade de vossos sufrágios, trinta e quatro vezes "sim" ao meu modesto nome, fostes vós quem me trouxestes, aceso, o sonho da imortalidade!

Assumo, nesta noite, o compromisso de trabalhar, escrever, escrever tanto quanto arrebatá-lo a poesia, porque aprendi de Flaubert que “este é o melhor corcel, a melhor carruagem para escapar da vida”.

Por vossa vontade, Senhores Acadêmicos, chego a esta Casa de Thomaz Pompeu. Chego, genuflexa, de coração aberto para captar os mistérios que aqui pervagam sobre o altar das artes. Chego fervilhante de emoção para comungar do sagrado pão literário. Estar entre vós, é estar em céu, entre estrelas.

Trouxestes-me para ocupar a cadeira número 28, cujo patrono é Mário da Silveira, esse poeta “profundamente marcado pela inquietude baudelairiana”, e que teve, como os meteoros, um trajeto curto, mas luzente. Jovem, bonito e robusto, seus olhos belos e negros guardavam, entretanto, a tristeza profunda da “flor que morre / pendida à beira do riacho ingrato”. Alegrou-me, sobretudo, a viva alegria dos encantos da amada, encantos que ele sorvia sôfrego na taça cristalina da paixão. E, porque o poeta quase sempre é um profeta, vaticinou seu próprio destino ao compor estes versos do soneto 9 da “Coroa de Rosas e Espinhos”:

*Por este escuro e aspérrimo caminho
Em que, sereno e confiante, eu sigo,
Bem vejo as fauces biantes do perigo,
Bem pressinto o rígor do acerbo espinho.*

Em verdade, o espinho lhe veio, quando, em plena Praça do Ferreira, nesta cidade de Fortaleza, em noite de 22 de julho de 1921, tombou no solo da terra que o viu nascer, em 17 de setembro de 1899. Vestido elegantemente em seu terno de xadrez de vincos impecáveis, caiu perplexo, não “coroadado de rosas” como sonhara, mas coroadado pelos espinhos das balas assassinas, abatido pela sanha do ciúme e do ódio. Vinte e três anos incompletos. E ele era um poeta, e um poeta é um pássaro medonho que desconhece os perigos de seu vôo. E tudo nele é um mar de poesia, que nunca é morto / abraçando o universo do sonho. Ah, sonho, quantos desatinos se cometem em teu nome?! Quantos se lançam

com suas espadas de emoção em busca desse ideal propulsor de todos os nossos anseios, a felicidade! E quando a encontramos flutuamos por alguns instantes sobre o mar infinito das cousas terrenas. Mas, o intangível dos projéteis silenciara-lhe o canto de cigarra. Seu corpo, no entanto, repousou no seio das musas, ungi-do com o óleo da imortalidade. *Ad astra per aspera* foi-lhe o sím-bolo da consagração suprema.

Na noite de 20 de agosto de 1919, em tertúlia na Casa de Juvenal Galeno, pronuncia a conferência "A Eterna Emotividade Helênica". Postumamente, seus amigos organizaram "Coroa de Rosas e de Espinhos", em cuja apresentação, intitulada "Um Tesouro Perdido", Antônio Sales assim se expressa: "Este punhado de versos e de prosa foi tudo quanto se pôde recolher da produ-ção literária de Mário da Silveira, tragicamente desaparecido com vinte e dois anos de idade". E mais adiante: "Nas roupas do seu cadáver não se encontrou a menor quantia, mas apenas um soneto, que era naquele momento toda a sua riqueza".

Mário da Silveira, cujo centenário de nascimento foi comemorado no ano passado, era filho de Raimundo Silveira Gomes e Teodolinda Matos da Silveira. Em Lavras da Mangabeira, para onde o pai houvera sido transferido, escreveu seus primeiros versos. Aos catorze anos, compõe o soneto "Partida", dedicado a Álvares Costa, em cujos versos já se prenuncia a dor lancinante do amor frustrado (que tanto faria cantar o peito do poeta), deixando à mostra um estro ardente, impregnado de um olhar saudosista, de um gemido de tristeza, de um agudo grito de saudade. Vejamos estes tercetos do seu soneto "A Partida", em que se pode degustar o tom bilaqueano em seu "In Extremis":

*Partir, singrando o mar, vendo bem perto, vendo
Tudo sorrir, cantar, e a vida florescendo,
Numa explosão triunfal por toda a natureza...
Partir assim do Céu, partir do Amor, deixando
Glória, sonhos, prazer, sorrisos e levando
Prantos, soluços, ais, queixumes – que tristeza!*

A vida e a morte alternam-se em sua poética, marcada de inquietações e angústias. Do caráter romântico de sua lira não poderiam abstrair-se certos harpejos eróticos, como neste trecho do poema em prosa “Desejo”, no qual o poeta é o próprio Polifemo que, em apóstrofe desesperada, grita pelos encantos de Galatéia, que não o ama, mas sim a Ácis, filho de Fauno:

“Nem oiro, nem púrpura, nem pedras eu quero. Eu quero, Galatéia, os males do teu seio! /.../ Os frutos amadureceram. E eu soffro, ó Galatéia. Eu tenho fome e sede.”

Senhores Acadêmicos

Sei da suprema responsabilidade que pondeis sobre mim, ao me cingirdes o peito com o ouro deste colar, pois fizerdes assentar-me na cadeira 28, tão primorosamente honrada por meus antecessores Júlio Barbosa Maciel e João Jacques Ferreira Lopes, é o testemunho maior do quanto confiais em mim. Por conseguinte, digo-vos como Sheridan: “O caminho seguro para não falhar é a determinação de conseguir”. E essa determinação tenho-a comigo, não haverei de falhar, mesmo porque sei que de vós haverá de levantar-se a mão segura para amparar-me em meus tropeços, para guiar-me ante eventuais obscuridades.

O primeiro ocupante desta cadeira foi Júlio Maciel, poeta de “definitiva feição parnasiana”, no dizer de Sânzio de Azevedo e “um dos maiores poetas contemporâneos do Ceará” na concepção de Cruz Filho. Não me deterei sobre o autor de *Terra Mártir* e sua biografia, em razão de haver ele merecido de meu antecessor, João Jacques, um alentado panegírico, por ocasião de seu discurso de posse nesta egrégia Academia.

Senhores

Diz-nos Osman Lins em *Guerra sem Testemunha* que ninguém realiza obra válida antes de alcançar, como escritor e como homem, um estágio, um grau de sabedoria que lhe permita conhecer, no papel ou no espírito, um plano para a obra a ser realizada.

A sentença acima vem reafirmar o que se depreende ao analisar (embora o faça superficialmente), a obra de João Jacques Ferreira Lopes, a quem tenho a honra de suceder. Escritor seguro de seu ministério, conquistou ele elevado grau de sabedoria, graças à sua formação encíclica, de base profundamente religiosa. Os caminhos palmilhados pelo jornalista sério, pelo cronista expressivo, pelo poeta autêntico, trazem-nos lições de humanismo e de esperança. Sua escritura, de temática ampla e variada, é, muitas vezes, absorvida por um lirismo doce e penetrante, amortecendo as aguras dos temas trabalhados, em que o ímpeto sonhador do poeta burila estrelas em meio à febre visceral da dura existência humana. Através da crônica, seu ápice literário, mostra-nos ele sua visão estética e seu alto poder de síntese na recriação da realidade, assumindo, desse modo, um lugar de destaque na crônica, esse gênero que veio tomando novos feitios ao longo do tempo, até se impor, a partir do século XIX, como literatura propriamente dita, trabalhada sob a visão pessoal e subjetiva do autor, cuja ferramenta principal deverá sair do cotidiano da vida.

Nasceu João Jacques Ferreira Lopes, em Fortaleza, Estado do Ceará, em 27 de janeiro de 1910, sob as bênçãos de Euterpe e Polínia. O célebre maestro Henrique Jorge Ferreira Lopes regeu-lhe os primeiros sustenidos de amor, sob o olhar da mãe, dona Júlia Jorge Ferreira Lopes.

Fez as primeiras letras no Externato São Rafael e no Colégio Nogueira. Passou pelo Colégio São Luís e, no Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, concluiu Filosofia.

Viveu uma infância recheada de música e literatura, pois o pai, além de maestro, pertencera ao famoso grupo da Padaria Espiritual. Estudou piano, e o irmão Paulo Sarasate, violino. Entretanto, nem um nem outro realizou o sonho do pai, o de serem maestros: "filhos de peixe, nasceram gatos". Influenciado pela convivência com Monsenhor Liberato, ingressou no Seminário da Prainha, onde esteve por 11 anos. Foi contemporâneo de Dom Hélder Câmara e Dom Raimundo de Castro. Os três identificaram-se pelo amor à literatura. Escreviam poemas e crônicas e publicávamos, sob pseudônimo, no jornal católico *O Nordeste*. Em matéria do jornal *O Povo*, quando do lançamento do livro *Flores Para os*

Cinco Sentidos, conta João Jacques que Dom Hélder foi severamente chamado pelo Superior do Seminário por ter publicado um poema em que falava das mãos de uma jovem sobre o teclado do piano. Levado a fazer ali a opção, não teve dúvida, preferiu a vida clerical. “Já comigo” – diz João Jacques – “faltou-me coragem para assumir o voto de castidade, reconheci que não tinha vocação”. Contudo, a base religiosa foi-lhe o melhor aprendizado para toda a vida. Jamais se afastou da Igreja e de sua doutrina. Muito devoto de Nossa Senhora, ajudou na construção do Santuário de Fátima e idealizou a papeleta amarela, em favor da construção de nossa Catedral.

Senhor de uma formação humanística, em toda a extensão da palavra, João Jacques soube dirigir seus veleiros de sonho, aportando sempre em lugares seguros, quando os fortes ventos da vida tangiam-lhe os remos. Por onde passou, deixou as marcas de sua personalidade. Sensível e persuadido por seu “espírito de mosca”, como definia a si próprio, sabia captar os dramas da humanidade. E seu olho de perspicaz observador, logo ia moldando a argamassa de sua futura obra. A ele, não lhe seduziam as honras terrenas, embora sua maneira de vida o tenha levado à glória como ser humano, pelo altruísmo e filantropia inerentes à sua índole. Sabia que era preciso conservar no coração um ramo verde para que nele a esperança viesse sempre pousar e saciá-lo de sua fome.

Estava sempre a aprender, pois lhe ensinara Heidegger que saber é ser capaz de aprender e, por isso, procurava em sua modestia engrandecedora, levar ao próximo o óbolo de seu aprendizado, exercitando a oração franciscana “é dando que se recebe”. Tendo o espírito sempre em sintonia com as emanções de Deus, sabia captar do seu semelhante os tons e semitons com que orquestrava suas crônicas, urdidas nas experiências humanas. Por isso, em sua escritura, há sempre algo que ameniza a dureza do tema trabalhado, imprimindo às crônicas um sabor adocicado, sem, contudo, enfastiar o gosto do leitor. É leve o seu estilo, harmoniosa sua linguagem, muitas vezes borrifada de fina e delicada ironia, o que não lhe diminui a carga sentimental. Severa, no entanto, é sua obstinação em carregar o texto com uma mensagem

humanitária, mensagem de fé e de esperança nos destinos do homem. Mensagem na qual se esmalta a luz acariciadora do amor, que é, indubitavelmente, o sustentáculo da humanidade.

Em seu discurso de posse, nesta Academia, assim se expressou João Jacques: "Em minha profissão jornalística ou de literato do cotidiano, devotei-me honestamente à Verdade e à Beleza. Sempre amei a Verdade. A Beleza toda vida me seduziu". E mais adiante: "A Beleza que imanta apenas os sentidos não me basta. Parece assaz precária, frágil, fugitiva. Nunca nos farta o ouvido à música nem os olhos à geometria dos seres. A gama é infinita. E, como o ar atmosférico, sai do condensado ao rarefeito em busca do invisível e imaterial". É óbvio, Senhoras e Senhores, que um espírito que alcança patamar de tão significativa contemplação interior, num mundo em que predominam a mercantilização da vida, em que a manipulação das emoções é levada ao absurdo como exigência do imperioso capitalismo esmagador, é óbvio, só poderia reverter beleza e verdade ao longo de sua caminhada. E, porque sabia que o conhecimento de Deus deve passar pelas cousas sensíveis, superdosava suas crônicas com o sal da solidariedade, para que o leitor pudesse sorver nelas a energia sensitiva do Supremo Criador.

Garimpaando o dia-a-dia, pacientemente ele saía pelos vastos caminhos da linguagem, construindo atalhos, margeando rios, desbravando as florestas do pensamento humano, até extrair as gemas, com as quais ia forjando suas jóias. E assim elas foram surgindo, sem a pressa dos que querem alcançar o topo, mas com a responsabilidade que têm os grandes homens.

No espaço de vinte e quatro anos, publicou treze livros. Estreou, em 1954, com **Aspectos Econômicos do Ceará**, reunindo reportagens sobre as secas.

Alma em Corpo Oito, data de 1964, enfeixando uma seleção de crônicas, muitas delas publicadas na imprensa cearense, mais precisamente no jornal *O Povo*, onde trabalhou como Redator-Chefe e Editorialista, durante 37 anos.

A Grande Viagem, 1966, reúne crônicas que relatam as mil e uma horas que passou nos Estados Unidos. Aqui, as idéias são tão bem tecidas que nos chegam transfiguradas do seu caráter documental.

Em 1967, lança **Os Cardeiros Sangram**, que ele dedica à memória de seu irmão Paulo Sarasate. Avultam-se neste volume crônicas de fina inspiração poética, das quais se pressupõe que as idéias são os arquétipos da criatura.

Uma Fantasia e Nove Histórias Reais, reunindo contos, surge em 1969.

Em 1971, publica seu primeiro livro de poemas, intitulado **A Prece do Menino Aflito**. Prefaciado por seu grande amigo, Artur Eduardo Benevides, este livro é um canto de louvor aos valores humanos que gritam ante a efervescência de seus sentimentos, a exigir liberdade. E ele, com sua pena emotiva, vai transformando-os em versos plenos de amor à vida e à esperança, dentro de uma temática lírica, recheada daquela simplicidade necessária para a compreensão da obra. Seu verso consegue nos transmitir variada carga de emoção sem se deixar cair em rebuscados derramamentos lingüísticos e formais, obedecendo aos cânones, segundo os quais a arte deve ser um todo simples e homogêneo, como simples e bela é a própria obra da natureza. O elemento racional une-se ao afetivo, formando o amálgama de sua escritura, como podemos inferir destes últimos versos do poema "O Pajeú", com o qual fica também ratificado que todo bom poeta tem um rio correndo em suas veias, como afluente de sua inspiração:

Pajeú!
Secaram-te as fontes, lá pela Estância,
mas continuas fluindo, escorrendo,
como suor da cidade artesã,
como lágrima da pobreza entvergouhada.

A presença da morte, essa "última possibilidade do homem", também é motivo das divagações do poeta, que a vê como um ser existencial, "uma potência presente em nossa cotidianidade". Mas, atente-se para a mensagem de fé cristã deixada por João Jacques nestes versos do poema "Paralelo com o Abstrato", em que podemos conceber que a alma transcende todo entendimento humano para habitar uma luz inacessível:

*E, quando a morte vier,
ela, a destruidora,
ela, a igualitária,
ela, a cega de guia,
não ficarão de teus templos
pedra sobre pedra, mas
de minbas catedrais de nuvens,
cheias de santos e vitrais,
restará, sutil e impregnante,
o perfume do incenso...*

Desolado com a situação da humanidade ante os conflitos constantes do existir, ante a inversão dos valores, o poeta lastima e não quer ser conivente com a triste realidade que se abre diante da miopia de seus olhos, e desabafa:

*Cansaram-se de ver minbas pupilas.
De ver até o que não era para ver:
o avesso das cousas, o avesso dos homens.
E não me resta senão quebrar as lentes,
as lentes que aumentaram ao máximo
as mínimas misérias de cada dia.*

Em 1978, vem a lume outro livro de crônicas, desta vez **A Canção do Tempo**. Nele o autor condensa escritos em que, sob o pseudônimo de Borba Lima, revela "o pulsar cotidiano do seu coração". Milton Dias, na apresentação do livro, afirma: "João Jacques reúne as três qualidades que Marco Polo julgava necessárias ao bom viajante: olhos abertos, mente clara e coração de poeta. É nestas três virtudes que reside o seu sucesso".

Contos e Cantos, data de 1981, reunindo produções em prosa e poesia.

Flores para os Cinco Sentidos, novamente crônicas, sai em 1984. Merece destaque especial, neste volume, a crônica "Minha Namorada", com que o autor presentearia com mimos literários o grande amor de sua vida: Dona Luíza Quevedo Ferreira Lopes.

carinhosamente, a Duzinha, com quem firmou laços matrimoniais no dia 22 de outubro de 1933, na Igreja da Sé, abençoados pelo amigo Dom Hélder Câmara. Foram-se 66 anos de muita união e de amor recíproco e, ainda hoje, saudosa do esposo, ela se emociona e, com os olhos em lágrimas, diz como em prece contrita: “ele foi o melhor homem do mundo”. Vejamos um trecho de “Minha Namorada”:

“Cruzamos olhares e houve qualquer coisa nesse encontro das chispas interiores da nossa mocidade. Tenho ainda a noção exata desse instante em que parece decidimos nossos destinos”. .../ “Toda poesia de minha vida vem do coração de minha amada”. E finaliza: “Eu a amo. Eu a beijo. Eu a quero sempre comigo. Mesmo depois desta vida...”

Galeria de Honra, publicado em 1986, é um livro de ensaio, no qual aborda vida e obra de Mário da Silveira, Júlio Maciel, Paula Nei, Monsenhor Quinderé, Augusto Linhares e João Augusto de Araújo.

Minha Máquina, Meu Piano, outro livro de crônicas, vem a lume em 1989. Na crônica que dá título ao livro, assim se decodifica o autor: “Acostumei-me ao som das frases e ao ritmo das idéias”.

“Há dias em que sou capaz de compor, à máquina, uma valsa. A valsa talvez da própria vida vienense. Vida em clave de sol. De muito sol ou de romântico luar...”

Inegavelmente, não se pode dizer que João Jacques não foi um maestro. Ele foi, sim, um exímio maestro das metáforas e dos símbolos lingüísticos.

Finalmente, em 1992, publica outro livro de ensaio, **Otacílio de Azevedo – 50 anos de pintura e poesia**, no qual enfoca a vida e a obra deste grande poeta cearense, seu amigo e seu mestre na arte do pincel.

Ainda escreveu **Pedro e o Rouxinol** (ficção), dedicado aos seus primeiros bisnetos, Rafaela e Bruno, e deixou inéditos dois livros: **Sala de Espera** (teatro) e **Música para Dormir** (poesia).

Muito mais nos teria apresentado o talento de João Jacques se não fora a moléstia que o acometeu, deixando-o à margem da escrita, privando-nos da fruição de suas produções literárias. En-

fermo, em sua cadeira de rodas durante quatro anos, foi de um estoicismo singular. Segundo testemunho de Marta, sua filha, jamais ele deixou escapar o menor gesto de revolta ou desespero. A mesma fé inabalável que o sustentara, fê-lo maior ainda do que foi: um homem de muitos instrumentos, como declara a amiga Maura Barbosa.

No cenário comum da vida, João Jacques teve também diversificadas funções. Foi Secretário da Educação da Prefeitura; Fundador do Banco do Nordeste e chefe do Gabinete de sua Presidência; Diretor da Empresa Cearense de Turismo; Assessor Especial do Presidente da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos; Assessor do Presidente do Tribunal Regional do Trabalho; Membro do Conselho de Administração do BANDECE; Redator-chefe e Editorialista do jornal *O Povo*; Colaborador do *Diário do Nordeste* e do *Correio do Ceará*; Membro da Associação Cearense de Imprensa e do Sindicato dos Jornalistas. Comendador da Santa Sé pela ordem de São Silvestre.

Como escritor, esteve ao lado dos precursores do movimento modernista, participando dos grupos que atuaram em "Maracajá" e "Cipó de Fogo". Pertenceu à Academia Cearense de Retórica e ocupou a cadeira 28, nesta veneranda Casa. João Jacques Ferreira Lopes foi um bravo soldado da vida. Um poeta com uma larga folha de ocorrências. Um cronista dos mais festejados, ao lado de Milton Dias, Álvaro Moreyra, Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e muitos outros de admirável talento. Um pintor da vida e de suas abstrações. Um homem, na verdadeira acepção da palavra, criado à imagem e semelhança de Deus. O esposo solícito de dona Duzinha. O pai extremoso de Maurício (falecido), Henrique Jorge, Maria, João Quevedo, Paulo de Tarso e Marta. Um amigo inexcedível, cuja maior virtude era a simplicidade. Um Acadêmico que soube honrar as responsabilidades a ele atribuídas. Um imortal que, nesta mesma cidade, na noite de 4 de dezembro de 1999, despediu-se das angústias terrenas, entrando para um novo ventre, "o ventre fecundo da terra. / Mas descalço e reduzido, / como fração da humanidade, / à expressão mais simples / da matemática e da filosofia...". Rumou ao Olimpo celeste, com um ramo de louros

cingindo-lhe a fronte altiva, como coroamento do dever cumprido. Nada como voar com suas próprias asas. "sem forçar grandes vôos com asas de Ícaro".

Senhores Acadêmicos, eis o perfil de um colega vosso que conhecestes bem, com quem partilhastes os vossos saberes, as vossas experiências, no labutar do vosso ofício de artesãos da palavra, neste "ato que é desespero e apaziguamento, ousadia e insegurança, ansiedade e celebração", como define Lígia Fagundes Telles. Não tive o prazer de conhecê-lo como vós, mas conheci-lhe a outra metade, pois sei verídica a afirmação de Emerson, ao enfatizar que "todo homem não é senão a metade de si mesmo: a outra metade é sua expressão".

Vede, pois, quanto custa a mim, modesta artesã do verso, peregrina do sonho a embalar meu ofício no silêncio claro do poema, vede bem, como me custa suceder a imanência literária, o fôlego altamente produtivo desse homem que, conforme atestam seus versos, tudo via "pelos vidros convexos e corretivos da saudade", mas que era tão feliz que até os botões da sua roupa saíam desabrochando, conforme suas palavras, enchendo de cor e perfume o vale da vida.

Senhoras, Senhores, Distintos Acadêmicos

Nesta noite feérica, ante a limpidez das águas deste rio de alegria, quero pedir-vos permissão para trazer dos páramos da saudade, e envolver em meu abraço filial, aquela que é a pedra fundamental de minha existência e a responsável direta pela escalada que ora atinjo. Deixai-me trazer minha mãe, a querida dona Raimundinha, com aquele olhar manso de lago noturno, celeiro de tesouros incomensuráveis. Deixai-me trazer essa mulher aguerrida, agora, com suas vestes estelares, em sua paz não mais perturbada pelas agruras de nossas aflições humanas, para que eu lhe diga, na febre desta emoção: "Mãe, esta imortalidade, com que ora sou consagrada, a ti pertence, pois és o sal da minha existência e o sumo da minha poesia. São para ti todas as honras desta noite, porque, sem ti, que é o meu princípio, eu não seria o meio que te haverá de perpetuar aos pósteros nem o fim, que, um dia, unir-se-á a ti, no retorno maravilhoso à gênese divina. A minha lágrima, mãe, unindo-se

à tua, foi o meu primeiro verso. Por isso, estaremos uma na outra, sempre, e tão perpetuamente, como o vermelho no sangue, como o vôo na asa do pássaro.

Senhores Acadêmicos

Nestes instantes finais, quero reiterar a vós o meu profundo agradecimento e, de modo particular, permiti-me, ao Presidente desta Casa, meu amigo Artur Eduardo Benevides, com quem aprendi que poesia “é um salto de menina / sobre as relvas da tarde, junto ao mar”, e à notável Acadêmica Regine Limaverde, cujas palavras imantadas de sua generosidade, a mim dirigidas nesta noite memorável, com a expressiva linguagem poética tão peculiar à sua engenhosa inspiração, trouxeram-me a alegria incomensurável da felicidade. Sou a décima mulher a merecer assento nesta augusta Casa, depois de Alba Valdez, Henriqueta Galeno, Nenzinha Galeno (estas três falecidas), Noemi Elisa Soriano Aderaldo, Marly Vasconcelos, Beatriz Alcântara, Rachel de Queiroz, Regine Limaverde, e Angela Gutiérrez, numa demonstração de que o ser humano, independente do sexo, é o ponto de convergência de toda criação. Quero também levar a minha homenagem póstuma ao Dr. Edilson Brasil Soárez, meu inesquecível mestre de Português, no Colégio 7 de Setembro, que me ensinou a valorizar e amar a nossa “Última Flor do Lácio”. Quem lhe sentiu o efeito da mão forjadora de inteligências jamais olvidará aquele homem incansável, sempre solícito ao aluno, em sua azáfama diária, com pastas, boletins e redações – que ele corrigia uma a uma – para entregá-las pessoalmente aos autores, quando fazia suas célebres observações, muitas vezes severas, outras imbuído do orgulho próprio de saber apreendidas as lições ensinadas. Foi ele que, em um de seus comentários sobre minhas redações escolares, vaticinou, entre sério e feliz: “Você será com certeza uma escritora”. Hoje, escritora, agradeço ao Colégio 7 de Setembro, na pessoa de seu Diretor, Dr. Ednilo Gomes de Soárez que, seguindo as pegadas do pai, continua a reger com acerto e destemor o destino da juventude alencarina. Homenageio a veneranda Escola Normal, hoje Colégio Estadual Justiniano de Serpa, minha segunda casa, na pessoa de seu atual

Diretor, Paulo Walmir Santiago. Estendo as minhas homenagens a todos os meus mestres queridos, destacando, dentre eles: Ebe Braga, Maria Alice Chaves, José Cláudio de Oliveira, Irene Arruda, Artur Eduardo Benevides, José Alves Fernandes e Luís Tavares Júnior, com os quais aprendi que a paciência e o amor são requisitos fundamentais a um bom profissional em educação. Quero sobretudo agradecer à Casa de Juvenal Galeno, através de seu atual diretor, Dr. Alberto Santiago Galeno, onde, ao lado de minhas colegas da Ala Feminina e da AJEB, pude aprender a caminhar em busca de meu ideal. Agradecer, quero também, à Academia Cearense da Língua Portuguesa, atualmente sob a presidência de Vianney Mesquita, pela recepção carinhosa de meu pávido nome junto aos maiores lingüistas e filólogos de nossa terra, e à União Brasileira de Trovadores, tão bem conduzida por Fernando Cândia, por ter sido meu primeiro berço de poesia, amparando-me nos quatro versos da trova. Levo também os meus agradecimentos à família de João Jacques Ferreira Lopes, especialmente, à Dona Duzinha e à Marta, que me receberam carinhosamente em seu lar, fornecendo-me, além de dados importantes para este trabalho, o calor humano e a simpatia de uma amizade nascente. Agradeço, igualmente, o carinho e a solicitude dos meus filhos: Rosa Virgínia, Ana Paula e Ricardo, Jorge e Cibelle; a alegria buliçosa de Rafaela e Joyce, minhas netinhas; a fidelidade de meus irmãos, sobrinhos, cunhados, demais parentes e da imensa legião de amigos, que aprendi a tanger como meu rebanho de amor. E ao grande homenageado desta noite, João Jacques Ferreira Lopes, quero desejar que a face de Deus lhe sorria para sempre, em sua nova morada, onde poderá contemplar as cousas eternas e imutáveis.

Senhores Acadêmicos, estou em paraíso nesta Casa centenária. Aqui passarei a exercitar convosco o ministério da palavra para formação e preservação da sensibilidade estética, procurando ampliar, com minha modesta colaboração, os horizontes da literatura, porque as Academias são focos de cultura e nelas se aprende a resguardar as formas de maior expressividade da história de um povo. Já argumentou Joaquim Nabuco: "As Academias como tantas outras coisas precisam de antiguidade. Uma

Academia nova é como uma religião sem mistérios: falta-lhe solenidade". E diante desta afirmativa, podemos ufanar-nos. Somos a Academia mais antiga do Brasil, 106 anos. Sobra-nos solenidade.

Minhas Senhoras, meus Senhores, prezados Acadêmicos

Agradeço-vos a paciência e a atenção com que me acompanhastes. Eis que chego ao final do meu desenho, na esperança de que possa ele servir de memória às gerações do amanhã, como a semente para novos plantios na indissolubilidade de todos os tempos.

Muito obrigada!

Giselda Medeiros

21/06/00